

## REFLEXOS DA RELAÇÃO DO SER HUMANO COM SUA MORADIA DURANTE A PANDEMIA

ABEL VINICIUS MACHADO CAETANO DA SILVA<sup>1</sup>; PÂMELA PADILHA  
SILVEIRA <sup>2</sup>; CRISTHIAN MOREIRA BRUM<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Faculdade Unyleya – abelvinicius@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – pamelasilveira01@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – cristhianmbrum@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo faz parte de uma pesquisa realizada pelo grupo do Laboratório de Estudos Comportamentais, na área de estudo da arquitetura hospitalar, pertencente a Universidade Federal de Pelotas – UFPel, que tem como objetivo discorrer sobre os impactos do atual cenário mundial, na área de arquitetura e saúde.

Atualmente, em 2020, durante uma pandemia, vivemos em uma realidade que dificilmente acreditaríamos se caso nos fosse contado. No mês de dezembro de 2019, em Wuhan na China, foi diagnosticado o primeiro caso do novo corona vírus (COVID-19), que em janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou emergência internacional e que logo mais tarde, no mês de março, foi declarado como pandemia. Com essa descoberta e os seus níveis de transmissão, o mundo começou a se adaptar a uma nova realidade de convívio social. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020)

Com essa nova realidade imposta devido ao controle sanitário contra a transmissão do COVID-19, fez com que a relação do ser humano com sua moradia mudasse e se adapta-se para o seu novo uso. O que anteriormente era encarado somente como um lugar de pouso e atividades de higiene pessoal, agora é utilizado para inúmeras atividades pessoais e profissionais, que na maioria das vezes, trata-se de um ambiente multifamiliar e com atividades distintas e horários distintos.

Devido a nossa constante permanência dentro de nosso ambiente domiciliar e as atividades que acabam se tornando rotineiras, alguns hábitos começaram a mudar e se adaptar, como por exemplo, atividades de jardinagem, cuidados e reparos domésticos, artesanatos, as atividades de convívio social familiar e principalmente nossas atividades profissionais, se tornaram uma válvula de escape para sair do tédio e cuidar de nossa saúde mental. (ARESTAS e SALÍNGAROS, 2020)

A partir de então iniciou-se o chamado online para que se pudesse continuar o trabalho e estudo. As pessoas então, começaram o trabalho remoto, com isso houve muitas adaptações para criar um ambiente de trabalho em casa, de estar com a família por mais tempo, mudanças na rotina. Muitas tiveram alterações físicas nas suas casas, para que se pudessem executar suas tarefas de maneira mais eficaz. Mas com todas essas mudanças também temos um aumento de pessoas com ansiedade, depressão e outros sintomas de doenças psíquicas. (UNIVERSIDADE DE RIBERÃO PRETO, 2020)

Essas características atuais dessa nova realidade, fez com que a discussão sobre as condições das moradias e se elas suprem todas as necessidades de seus moradores, volta-se à tona com força total. Não é de hoje que as condições

da arquitetura residencial contemporânea é tema de discussão, mas nunca foi tão evidente a necessidade de suprir todas essas demandas.

## 2. METODOLOGIA

Sendo assim, buscou-se através de pesquisa bibliográfica e entrevistas relatadas, saber mais sobre a relação do sujeito e sua moradia e as possíveis patologias que possam ser desenvolvidas devido às más condições de sua moradia e suas adaptações. Para tal foram entrevistadas pessoas com diferentes perfis de moradia e trabalho, incluindo um profissional da área da saúde que atua na linha de frente durante a pandemia do COVID-19.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desse modo, como um estudo básico e comportamental, vamos observar alguns relatos sobre a atual relação do sujeito com a sua moradia e como que está sendo a sua percepção e a sua mudança ou não mudança de hábitos.

Segundo ARESTAS e SALÍNGAROS (2020), o espaço doméstico, além do seu objetivo básico de fornecer uma moradia saudável e um bom abrigo, ela deve se preocupar com nossas sensações e psicologia

“O espaço da casa deve ser um volume que nutre a nossa psicologia, longe de espaço estéreis e estreitos corredores, dos tetos baixos planos e opressivos, das janelas colocadas em uma geometria livre que ignora o caminho do sol. O “estilo universal” não é adaptado a vida humana.” (ARESTA e SALÍNGAROS, 2020)

Assim, na visão de SILVA (2020) com a decisão de passar esse período de pandemia junto com a sua família um apartamento aparentemente pequeno e em outra cidade, pode perceber que com todos ali juntos, o espaço não seria o suficiente para realizar todas as atividades. Tempo depois, ela e seus familiares decidiram ir para outra moradia, dessa vez uma casa com mais espaços individuais e em outro estado. Após 6 meses de permanência junto aos seus familiares, ela que sua percepção sobre a moradia havia mudado, além de ter criado alguns questionamentos:

“Pude perceber nessa pandemia que a casa se tornou mais do que um espaço de descanso, é um lugar de trabalho, lazer, de encontros virtuais, é onde me sinto mais segura e protegida. Estar tanto tempo dentro de casa me fez ter alguns questionamentos, entre eles: Será apartamentos cada vez menos são uma boa solução? Será que as pessoas estão avaliando melhor suas casas? Será que vão perceber que contratar profissionais para construírem ou reformarem suas casas é a melhor solução para um ambiente mais adequado e planejado?” (SILVA, 2020. Informação verbal)<sup>1</sup>

A relação morador e moradia, pode ser percebida de diferentes formas e em diferentes situações, como o caso de DUARTE (2020), que nos traz como experiência, o convívio mútuo em duas moradias com condições diferentes entre elas. Ainda segundo a entrevistada, assustado com a possibilidade de contaminação e transmissão para seus familiares, que por ventura fazem parte de um grupo de risco, se manteve reclusa um cômodo da casa, saindo só para tarefas essenciais. Devido aos conflitos de atividades e o número de moradores no local, a entrevistada mudou-se para sua moradia alternativa, afim de buscar privacidade em suas atividades e um maior controle sanitário.

“Em Pelotas, eu me mantive por pouco mais de um mês, e foi uma estadia muito calma. Achei que poderia ficar abatida por estar sozinha,

---

<sup>1</sup> Informação fornecida por Fernanda Corrêa da Silva em 14/09/2020

mas o que aconteceu foi o oposto, me vi retomando a minha rotina – que estava virada do avesso desde o início da quarentena -, e olhando mais para mim. Foi um momento imprescindível. Senti que, me afastar da realidade que eu estava me acostumando em Rio Grande era o cuidado comigo mesma que estava faltando.” (DUARTE, 2020. Informação verbal)<sup>2</sup>

Como podemos perceber anteriormente, além dos conflitos de convivência, acabamos criando sentimentos como angustias, medos e ao mesmo tempo a sensação de um porto seguro devido ao longo tempo confinado. Essa sensação de temer o ambiente externo e se sentir cada vez mais confortável em sua moradia, pode ser denominada como Síndrome da Cabana.

Segundo ALMEIDA (2020, apud FIGNER S/D), a síndrome da cabana não é classificada como um transtorno mental, mas sim acontecimento psicológico histórico e que pode ser combatido com uma adaptação ao “novo normal”.

“Para se adaptar ao “novo normal”, a chave é fazer pequenas caminhadas acompanhado. A luz do dia regula ciclos naturais do corpo, o exercício libera endorfinas, que trazem bem-estar, e a companhia traz proteção” (ALMEIDA, 2020 apud FIGNER S/D)

Para compreender melhor a situação, buscou-se entrevistar uma pessoa que fosse profissional da saúde e que estivesse rotina diferente de trabalho que não fosse em home office.

Conforme relata Santana (2020), enfermeira, suas atividades rotineiras foram se adaptando conforme a pandemia evoluía e eram obtidas maiores informações. A relação com EPI's foram alteradas, e seu uso passou a ter intervalos maiores entre as trocas, suas ações passara a ser mais cautelosas, mas mesmo não tendo contato direto com a ala específica do COVID-19, o temor de ser infectada era grande, pois segundo a entrevistada, os hospitais ainda não estavam preparados em receber pessoas que possivelmente estariam assintomáticos. Já em relação a sua casa, Santana (2020), afirma que a sua rotina pouco mudou, porém houve pequenas adaptações necessária como tirar o calçado na garagem e improvisar um local para guarda de mochila do trabalho (informação verbal)<sup>3</sup>

#### 4. CONCLUSÕES

Com o segundo pós-guerra, a seriedade de uma moradia digna para todo ser humano, foi admitida pelas nações ocidentais em documento internacional, o marco da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Conforme o Comitê dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais da ONU<sup>4</sup>, em seu comentário geral n. 04 de 12 de dezembro de 1991 afirma que:

“moradia adequada não é aquela que apenas oferece guarida contra as variações climáticas. Não é apenas um teto e quatro paredes. É muito mais: É aquela com condição de salubridade, de segurança e com um tamanho mínimo para que possa ser considerada habitável. Deve ser dotada das instalações sanitárias adequadas, atendida pelos serviços públicos essenciais, entre os quais água, esgoto, energia elétrica, iluminação pública, coleta de lixo, pavimentação e transporte coletivo, e com acesso aos equipamentos sociais e comunitários básicos (postos de saúde, praças de lazer, escolas públicas, etc.).” (MINISTÉRIO PÚBLICO DO PARANÁ, S/D)

<sup>2</sup> Informação fornecida por Lauren Nicole Gonçalves Duarte em 13/09/2020

<sup>3</sup> Informação fornecida por Paula Veleza Santana em 13/09/2020

<sup>4</sup> Organização das Nações Unidas

Sendo assim, ainda permanece o questionamento, nossas casas estão preparadas realmente para suprir todas as nossas necessidades ou são apenas um invólucro mural sem conteúdo?

Dentro de uma moradia, o nosso espaço tem que ser um elemento primordial, se distinguindo de apenas um amontoado de concreto e tijolos ou uma obra de arte. Bruno Zevi, em seu livro “Saber ver a arquitetura”, nos afirma que a falta de uma história da arquitetura é derivada da sua falta de hábito em compreender o espaço arquitetônico e que ao usar uma argumentação tridimensional, o ser humano passa a ser incluso, distinguindo de qualquer outro tipo de arte. (ZEVI, 1996)

Para considerar, acreditamos que, diferente do percebível atual movimento imobiliário, onde cada vez mais se oferece casas com “condições mínimas de moradia”, o projetista deve se preocupar com a real condição de uma moradia e se ela consegue oferecer todas as condições necessárias para ser realmente uma moradia digna, como espaços, privacidade, fornecimento de infraestrutura básica e conforto, e não uma habitação onde a cada estação ou condição social necessite sofrer alterações para se adaptar à realidade imposta.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. C. Veja São Paulo. **Veja São Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/saude/sindrome-da-cabana-paulistanos-enfrentam-o-medo-excessivo-de-sair-de-casa/>>. Acesso em: setembro 2020.

ARESTA, M.; SALÍNGAROS, N. ArchDaily. **Arch Daily**, 2020. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/939395/a-importancia-do-espaco-domestico-em-tempos-de-covid-19>>. Acesso em: setembro 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO PARANÁ. MPPR - Ministério Público do Paraná. **MPPR - Ministério Público do Paraná**, S/D. Disponível em: <<https://urbanismo.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=9>>. Acesso em: setembro 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Organização Pan-Americana da Saúde. **OPAS**, 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: setembro 2020.

UNIVERSIDADE DE RIBERÃO PRETO. UNAERP. **UNAERP**, 2020. Disponível em: <<https://www.unaerp.br/noticias/2872-nada-e-mais-como-antes-adaptacoes-em-meio-a-pandemia>>. Acesso em: setembro 2020.

ZEVI, B. **Saber ver arquitetura**. Tradução de Maria Gaspar e Gaëtan Martins de Oliveira. 5ª ed. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996